

JUVENTUDE EM CRISE?

A juventude em nossas igrejas está em crise? Tem diminuído o interesse pelas coisas espirituais? A resposta para essas e algumas outras perguntas que fazemos em relação ao ministério com jovens e adolescentes em nossas igrejas é Não. E é fácil constatar, mesmo empiricamente. Embora não disponhamos ainda de uma pesquisa qualitativa que nos dê um perfil por faixas etárias das nossas igrejas, percebe-se que na maioria delas o público jovem varia sempre em percentual superior a metade do tamanho delas.

Fora do meio batista temos muitas razões para a mesma percepção. Os grupos de matiz neopentecostal que crescem em proporções geométricas são, na sua maioria, compostos por jovens e com estrutura de funcionamento voltada para esta faixa etária.

Então por quê não conseguimos mantê-los na igreja? Por quê ouvimos tantas exclamações saudosistas de tempos em que se realizavam congressos e eventos onde eles compareciam aos milhares? Mas, o que está acontecendo então? Dois diferentes aspectos se apresentam para nós como possíveis respostas para este assunto:

O primeiro deles diz respeito a um tempo em que as coisas eram feitas para durar. Podia-se planejar algumas atividades relativas à educação e capacitação, para que fossem executados por bastante tempo, os programas de educação religiosa preparados para nossas igrejas não precisavam ser mudados, os ensinamentos que nossos jovens e adolescentes precisavam eram facilmente transmitidos e, aparentemente, apreendidos. Em relação a nossa vida profissional, cria-se que o ideal era trabalhar a vida inteira na mesma empresa. Nos estudos, bastava um curso de primeiro grau, já que chegar ao segundo grau era luxo. Faculdade? Chegar a ser “doutor”?... Tudo isto fazia parte de um outro mundo, menos complexo, menos extenso, limitado. Muito mais limitado.

Enfim, tudo acontecia do modo que esperávamos. Não havia tantas surpresas. A novidade era aquilo que acontecia a menos de uma semana ou na melhor das hipóteses com um ou dois dias de atraso. E na maioria das vezes, não eram tão chocantes nem representavam o absurdo que tantas vezes hoje experimentamos. A velocidade com que as coisas mudavam, permitiam que nos adaptássemos a elas.

Isto nos permitia manter um programa de educação religiosa em que a dinâmica e a flexibilidade fossem colocadas em segundo plano, com privilégio para a criação de estruturas que, em períodos mais recentes até começaram a indicar a necessidade de mudanças. União de Jovens Casados, Grupo de Ação Missionária para os rapazes, renomeação das organizações da União Feminina Missionária, como as Jovens Cristãs em Ação, são algumas das ações que se destacam como tentativa de atualização. No entanto, em quantas igrejas, de fato, funcionam? E onde funcionam, atingem um percentual representativo das pessoas a que se destinam?

É preciso lembrar que nossa mensagem continuará sempre sendo a mesma: Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e eternamente (Hebreus 13:8), mas nossos jovens estão mudando na mesma velocidade do mundo. Temos a mensagem certa, mas nossos métodos ficaram parados num tempo que já não é tão recente e quando propomos mudanças a nossa velocidade lembra os primeiros veículos automotores em comparação aos automóveis de hoje.

Creemos que os princípios batistas são respostas atuais e representativas para os problemas que enfrentamos nas nossas igrejas e também em nossa sociedade, particularmente aos jovens que vivem em busca de novos paradigmas pela falta de respostas satisfatórias para seus anseios. Assim, repensar nosso programa de Educação Religiosa buscando sua adequação e atualização é um dos caminhos necessários como resposta ao nosso problema.

O segundo aspecto que merece reflexão é liderança. Neste item, sim, vivemos uma autêntica crise. Não temos líderes nas nossas igrejas. Também não os encontramos nas associações, nas convenções estaduais e nem a nível nacional.

Parece exagerado a afirmação? Então responda sem consulta: Qual o nome do presidente dos jovens de sua associação? E da juventude do seu estado? Qual a última vez que algum destes representantes estiveram em sua igreja? Os jovens de sua igreja sabem o que é JUMOC? Infelizmente, receio que a resposta para estas e diversas outras perguntas relativas a nossa liderança são negativas. Isto por que instituições confundem-se com pessoas. Quando vamos ao banco onde mantemos nossa movimentação financeira e somos mal-tratados por um funcionário, falamos que foi o banco que nos tratou mal – não nos referimos ao funcionário.

Para exemplificar um pouco mais o que digo, permito-me ser saudosista. Lembro com alegria dos tempos em que os congressos da juventude estadual eram verdadeiros eventos, reunindo milhares de jovens de todo o estado e eram aguardados com expectativa. E um nome deste período era sempre lembrado: Hoje pastor, Silas Vieira, que foi executivo da JUBERJ e depois da JUMOC, estava sempre presente nos eventos associacionais e nas igrejas. Era a personificação da juventude estadual.

Nos trabalhos associacionais as despesas com correio eram bem menores, por que as correspondências e convites para congressos e eventos eram levados pessoalmente e o contato era direto. O comprometimento era muito maior por que sabíamos com quem estávamos falando.

O exemplo vem de fora também. Embora não possamos aplaudir o culto a personalidade, todos estes movimentos religiosos que têm crescido bastante com o trabalho voltado para os jovens podem ser identificados pelo nome de seus líderes. As comunidades evangélicas, não importando o nome que tenham, foram formadas em torno de líderes e, de acordo com a região, diversos nomes poderiam ser apontados. Até a Igreja Católica Romana reconheceu isto ao permitir que o padre Marcelo se tornasse um nome nacional. Pelo aspecto negativo, diversas destas comunidades que se multiplicam, são divisões de grupos em função de divergências entre as lideranças.

A grande questão é que nossos jovens precisam de líderes a quem possam seguir e até mesmo a quem possam questionar e contestar, como parte do seu processo de formação e de superação.

E neste caso temos muitas vezes confundido liderança com cargos dentro de uma estrutura. Por isto, não nos preocupamos com a formação de pessoas que reúnam as características de liderança necessárias ao exercício das funções, invertendo o processo. Achamos que são líderes por que foram eleitos. Não é incomum ouvirmos de pessoas que dizem que foram eleitos por que ninguém mais quis assumir.

Responsabilidade grande têm os pastores e outros que se dedicam ao trabalho de formação de lideranças, na identificação, orientação e capacitação de novos líderes. Isto por que liderança não se capacita apenas com informação, mas com exemplo. É um trabalho de discipulado. Requer tempo e dedicação, mostrando o que e como pode ser feito, permitindo a escolha de alternativas próprias. Reconhecendo que muitas vezes o aprendizado do crescimento vem mais com os erros do que com os acertos.

Isto só é possível com a constatação de que novas lideranças significam mais pessoas envolvidas em trabalhar pelos mesmos objetivos. Não se trata de competição. É o reconhecimento de nossas limitações e de que em equipe produzimos muito mais.

O exemplo de Jesus Cristo com seus discípulos é marcante: dentre seus muitos seguidores, escolheu doze a quem treinou, orientou, mostrou o que fazer e entregou a eles a responsabilidade de condução da Sua igreja. Não foi um treinamento teórico, mas prático, com a companhia constante. Por vezes elogiando, outras repreendendo, mas com a visão de que os ministérios eram distintos. O dele, de salvar aqueles que estavam afastados de Deus. O deles, de apascentar os seus cordeiros com alimento saudável para a vida espiritual.

A mobilização deste enorme potencial que temos com a juventude de nossas igrejas precisa ser despertado. A reflexão sobre estes aspectos, bem como de outros que poderiam ser apontados, podem nos ajudar a encontrar um novo caminho.